

BOIADEIROS, CRIADORES E COMERCIANTES NA ARTICULAÇÃO ENTRE ECONOMIA CAFEEIRA PAULISTA E MERCADO INTERIOR NA PRIMEIRA REPÚBLICA

COW TRADERS, CATTLEMEN AND TRADERS IN THE JOINT BETWEEN SÃO PAULO COFFEE ECONOMY AND INTERNAL MARKET IN THE FIRST REPUBLIC

Paulo Roberto de Oliveira¹

Endereço: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, História. Rua Pernambuco, 1777 Universitário Marechal Cândido Rondon-PR
CEP: 85960-000. Telefone: (45) 32847863
Email: pauloqueiroz@ufgd.edu.br

Resumo: O Triângulo Mineiro, mais especificamente a cidade de Uberaba, possuía posição estratégica na articulação do circuito de comércio que desde o litoral paulista voltava-se para dentro, cortando terrenos paulistas, mineiros e goianos. Neste contexto, abriram-se amplas oportunidades para que boiazeiros, criadores e comerciantes sediados na região aproveitassem esta especificidade para colocarem-se de maneira privilegiada na ligação entre as regiões interiores e a economia exportadora em expansão. Assim constituiu-se um circuito comercial, articulado em grande medida pelos uberabenses, responsável por parte do abastecimento do complexo cafeeiro e pela redistribuição dos produtos deste complexo para regiões interiores. Neste artigo observaremos o funcionamento deste circuito comercial e a articulação das pessoas que por ali passavam dedicadas a diferentes atividades, as quais lançavam suas redes comerciais e familiares para o norte e para o sul.

Palavras chave: Primeira República, Intermediação comercial, Triângulo Mineiro

Abstract: The “Triângulo Mineiro”, specifically the city of Uberaba, had strategic position in the articulation of the trade circuit from São Paulo’s coast to the countryside, passing by São Paulo, Minas Gerais and Goiás. In this context, they opened up broad opportunities for cow traders, cattlemen and traders, who had their base in the region, to take advantage of this specificity to place themselves in a privileged way in the link between the inland areas and the expanding exporting economy. Thus, a trade circuit was constituted and largely articulated by uberabenses (people from Uberaba). It was responsible for part of the coffee complex supply and redistribution of products of this complex for inland areas. In this article, we will observe the operation of this trade circuit and the articulation of the people who were responsible for different activities there, which launched its trade and family networks to the north and south.

Keywords: First Republic, Commercial Intermediation, Triângulo Mineiro

1 Professor colaborador do Colegiado de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE - Marechal Cândido Rondon. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Econômica "Hermes & Clío", ligado ao Departamento de Economia da FEA/USP - SP, do grupo de pesquisas "Formações econômicas regionais, integração de mercados e sistemas de transportes" e do Grupos de Pesquisa (CNPq) "História Intelectual e Historiografia", da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Este trabalho é fruto do Pós-Doutorado realizado junto ao Departamento de Economia da FEA - USP/São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Macchione Saes, a quem agradeço.

Introdução

A economia cafeeira paulista há muito tem sido objeto de diferentes pesquisas, entre elas a que deu origem ao clássico *Raízes da Concentração industrial em São Paulo*, de Wilson Cano¹, fruto de tese defendida em 1975. Neste trabalho, o autor, entre outras coisas, construiu uma sólida interpretação sobre o funcionamento da economia paulista desde o final do século XIX até a década de 1930, período em que a mesma se diversificou e se transformou em complexo econômico. Esta diversificação dizia respeito à capacidade da economia de São Paulo de criar soluções para a maior parte de suas necessidades.

Um dos pontos mais instigantes da análise do complexo cafeeiro diz respeito aos seus limites. Teria sido este complexo econômico de fato tão pujante tal como descrito por Wilson Cano e aceito por trabalhos posteriores que seguiram as balizas colocadas por ele? Textos recentes como o de Pedro Geraldo Tosi e Rogério Naques Faleiros², ou então o de Alexandre Saes, Rodrigo Fontanari e Paulo Roberto de Oliveira³, investigaram questões ligadas ao funcionamento do complexo, como o crédito, a mão de obra, a produção de alimentos e de gado, obtendo resultados que fortaleceram a conclusão da existência de um complexo econômico diversificado. Contudo, tanto quanto Wilson Cano, estes autores não descartaram o funcionamento de circuitos comerciais que ligavam a economia paulista ao interior do Brasil. Recorrendo a documentos do período, como as Mensagens de Presidentes de Estado, é possível perceber que a manutenção destes circuitos constituía uma das principais preocupações dos governantes paulistas durante a Primeira República, preocupados com o abastecimento em épocas de crescimento populacional. Um dos mais importantes era aquele que ligava a economia paulista ao estado de Goiás, passando pelo Triângulo Mineiro. É deste que trataremos nas linhas seguintes, buscando compreender a sua importância e seu funcionamento por meio da análise dos atores responsáveis pelo girar de suas engrenagens.

Para alcançar este objetivo, o artigo foi dividido em três partes: na primeira, apresenta o circuito comercial em tela, seu estabelecimento e os atores envolvidos; neste tópico será enfatizada a intermediação feita pelos uberabenses de produtos do interior do Brasil que se dirigiam à economia exportadora paulista. No segundo, será destacado o papel dos uberabenses na aquisição de itens que eram adquiridos na economia exportadora paulista e revendidos no próprio mercado uberabense,

1 CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Difel, 1977.

2 TOSI, P. G.; FALEIROS, R. N. Domínios do café: ferrovias, exportação e mercado interno em São Paulo (1888 - 1917). *Economia e Sociedade*. Campinas, v. 20, n. 2 (42), p. 417 - 442, ago. 2011.

3 SAES, A. M.; FONTANARI, R. ; OLIVEIRA, P. R. O complexo cafeeiro paulista: comércio de café e gado pela Cia. Mogiana E.F. (1900 - 1920). In: FALEIROS, R. N.; NUNES, I (orgs.). *Sistemas de transportes e formações econômicas regionais*. Brasil & Argentina. Espírito Santo: UFES, 2016.

ou então intermediados em direção às regiões centrais do Brasil. Por último, serão apresentadas as considerações finais.

1 - Os mineiros à beira do caminho e suas articulações para o norte e o sul

A diversificação da economia cafeeira paulista ocorrida a partir do final do século XIX tencionou o seu setor de transportes para além de suas fronteiras e criou circuitos de comércio que serviam de diferentes maneiras a economia de São Paulo – por meio da obtenção de produtos que não produzia na quantidade necessária, da valorização do setor de transportes etc.⁴ Durante a Primeira República brasileira, um dos mais importantes era aquele que ligava o estado de São Paulo ao estado de Goiás, passando pelo Triângulo Mineiro e pela cidade de Uberaba. Às suas margens, surgiram diferentes atividades e outras se expandiram. Os uberabenses, por se encontrarem no meio do caminho entre as regiões centrais do Brasil e os mercados consumidores do atual sudeste, serviram-se de forma privilegiada deste circuito comercial.

O início do século XX no Brasil é um momento em que a economia se readequou a um novo contexto, construído principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Este novo contexto caracterizou-se, em parte, pela expansão econômica no centro-sul, baseada na progressão da lavoura de café, responsável pelo deslocamento do eixo da economia brasileira do atual nordeste para o sudeste.⁵ Ao mesmo tempo houve o processo de intensificação da urbanização, de incremento dos meios de transportes – principalmente as ferrovias – e de mudança das características da mão de obra, da servil para a livre. Todas essas mudanças, ocorridas a nível nacional, tiveram impacto sobre o comércio que passava por Uberaba: à medida que a economia cafeeira se expandiu, houve o aumento da procura por produtos que o estado de São Paulo não poderia produzir durante todo o tempo em quantidade suficiente para o seu abastecimento; ao mesmo tempo, o

4 CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. São Paulo: Difel, 1977. Segundo Wilson Cano, durante a Primeira República a economia paulista diversificou-se e transformou-se em complexo econômico. Foi um passo decisivo rumo ao processo de concentração industrial que se concretizaria no pós-1930. As ferrovias eram parte importante do complexo ao se apresentarem como lócus de investimento e ao tornar possível a abertura de novas áreas para a produção de café. No mesmo sentido estão Sérgio Silva – SILVA, Sérgio. Expansão cafeeira e origens da Indústria no Brasil. São Paulo: Alfa ômega, 1976 – que trata das diferentes facetas que formavam o capital cafeeiro. Sobre o desdobramento do setor ferroviário em São Paulo, ver, por exemplo SAES, Flávio Azevedo Marques de. As ferrovias de São Paulo (1870-1914). São Paulo: HUCITEC, 1981, além de MATOS, Odilon Nogueira de. Café e ferrovias. Evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. São Paulo: Alfa Omega. Sociologia Política, 1974.

5 MELLO, Evaldo Cabral de. O norte agrário e o Império. 1871- 1889. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

aumento da produção de bens manufaturados fez com que os paulistas buscassem novos mercados no interior do Brasil.⁶

A existência destes circuitos comerciais ligados à economia paulista não se contrapõe à tese da diversificação de seu complexo cafeeiro. Como destacam trabalhos recentes, a economia de São Paulo conseguiu diversificar-se, expandindo a produção de gado para o mercado interior ao estado assim como a de alimentos, com o propósito de atender a uma demanda crescente, calcada na acentuada expansão urbana. Alexandre Saes, Rodrigo Fontanari e Paulo Roberto de Oliveira, em texto recente – publicado em 2016 – atentaram para o aumento do transporte de gado nos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. No mesmo sentido, Pedro Geraldo Tosi e Rogério Naques Faleiros destacaram o importante tráfego de alimentos nas ferrovias paulistas; ambos os trabalhos reforçam a capacidade de diversificação do complexo cafeeiro em São Paulo sem descartar, contudo, a existência da necessidade de busca em outros estados dos produtos que não eram produzidos na medida necessária dentro de São Paulo.

Muitos destes produtos obtidos pelos paulistas fora de suas fronteiras, no caso do arroz e do gado, eram adquiridos no Triângulo Mineiro e Goiás, assim como alguns itens produzidos em São Paulo, como a cerveja, encaminhavam-se também a estes mercados.⁷ Em outras palavras, expansão cafeeira no estado de São Paulo, juntamente com a urbanização e desdobramento de seu setor de transportes, intensificou o seu comércio com outras regiões do Brasil, entre eles Minas Gerais e Goiás.

Foi a partir da segunda metade do século XIX que os mineiros conseguiram quebrar o predomínio dos comerciantes do Rio de Janeiro na aquisição e revenda do gado que, além de Minas Gerais, provinha de Goiás e Mato Grosso. Entre estes estavam os uberabenses.⁸ Neste contexto, os boiadeiros de Uberaba passaram a ocupar papel importante na busca do gado goiano e na sua revenda, em um primeiro momento para

6 Luís Augusto Bustamante Lourenço destacou três grandes transformações que impactaram a cidade de Uberaba ao final do século XIX. As duas primeiras, transformações nacionais, caracterizavam-se pela Abolição e pela República. A terceira, pela chegada dos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Segundo o autor, a mesma levou a uma ligação mais estreita com a economia paulista e inseriu a região de maneira mais dinâmica à sua área de abastecimento. Ver: LOURENÇO, Luiz Augusto Bustamante. *Das fronteiras do Império ao coração da República: O território do Triângulo Mineiro na Transição para a formação sócio-espacial capitalista na segunda metade do século XIX*. Tese (Doutorado em Geografia), FFLCH/USP, 2007.

7 OLIVEIRA, Paulo Roberto de. *Um caminho voltado para dentro: O circuito goiano e o comércio entre Goiás e São Paulo na Primeira República*. 2014. Tese (doutoramento em História Econômica). FFLCH/USP, 2014. MELLO, João Manuel. *O capitalismo tardio. Contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998, enfatiza a necessidade do fornecimento de alimentos para que a mão de obra paulista pudesse continuar a reproduzir-se a custos aceitáveis e que não travassem o funcionamento da economia paulista. Ao colocar a questão o autor não se refere aos produtos que eram adquiridos fora do estado, mas sim aqueles de produção interna.

8 Sobre a criação de gado do Brasil Central, ver BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no planalto central. Eco história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador*. Brasília DF: Solo, 1994. e CHAUL, Nars Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: UFG, 1997. Segundo estes autores, após o ocaso da exploração das minas de ouro goianas, o gado tornou-se o único produto de importância local; a partir do final do século XIX sua produção aumentou atendendo à demanda da economia paulista. Também Restituti - RESTITUTI, Cristiano Corte. *As Fronteiras da província: rotas de comércio interprovincial, Minas Gerais, 1839 - 1884*. 2006. Dissertação (Mestrado em Economia), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP, 2006 - acompanha a passagem de gado da região central do Brasil por Uberaba e sua intensificação a partir da segunda metade do século XIX.

o mercado carioca – passando pela feira de gado de Três Corações – e, a partir do início do século XX, para o estado de São Paulo. Estes caminhos do gado podem ser observados pelas cidades destacadas no Mapa 1. A partir do final do século XIX, a urbanização e o aumento populacional em São Paulo, tal como o desdobramento de seu setor de transportes, atraíram para este estado o gado que antes atendia ao mercado do Rio de Janeiro.⁹

Mapa 1: Localização de Uberaba entre a economia paulista e o mercado interior



Entre os comerciantes mais importantes do sul de Goiás no final do século XIX e início do século XX em condições de fornecer gado aos mineiros, estava Hermenegildo Lopes de Moraes, residente na cidade de Morrinhos, onde sediava suas atividades econômicas. Apesar de ser descrito como capitalista¹⁰ no momento de sua morte em 1905, era dono de um rebanho que contava com mais de 5.000 cabeças de gado, avaliado em Rs. 81:600\$000. Possuía Rs. 740:000\$000 em diferentes modalidades de títulos, entre eles cadernetas da Caixa Econômica do Estado de Goiás e apólices da dívida pública federal. As dívidas ativas ultrapassavam o valor de Rs. 630:000\$000. Seus bens móveis, entre os quais se encontrava grande quantidade de sal, chegavam a Rs. 21:342\$500 e os imóveis foram avaliados em Rs. 256:045\$810. Havia ainda 30:000\$000 em dinheiro e Rs. 15:689\$842

9 OLIVEIRA, Paulo Roberto de. Um caminho voltado para dentro: O circuito goiano e o comércio entre Goiás e São Paulo na Primeira República. 2014. Tese (doutoramento em História Econômica). FFLCH/USP, 2014. Apesar da importância do gado do Brasil central, é necessário destacar o papel desempenhado por Minas Gerais na criação bovina e no abastecimento da corte. Sobre isso, ver: LENHARO, Alcir. As tropas da moderação. São Paulo: Símbolo, 1979. Mesmo no período em tela, o gado possuiu um papel importante entre as produções e exportações mineiras, segundo as Mensagens dos Presidentes de Estado.

10 Como se nota pela leitura dos documentos, eram descritos como capitalistas aqueles que emprestavam dinheiro a juros.

correspondentes ao lucro de sua casa comercial. O enriquecimento de Hermenegildo Lopes de Moraes teve origem na Guerra do Paraguai, quando o mesmo estabeleceu relações que lhe permitiram cuidar de parte significativa do abastecimento das tropas brasileiras que passavam por Goiás.¹¹

Com o avanço das ferrovias e o aumento da procura no mercado paulista, os rebanhos goianos expandiram-se, ao mesmo tempo em que o número de exportadores variou no mesmo sentido. No momento em que Hermenegildo Lopes de Moraes faleceu o seu gado já ultrapassava as fronteiras goianas rumo a outros mercados, podendo seguir diretamente ou sofrendo a intermediação de comerciantes do Triângulo Mineiro. Os boiadeiros eram os que se colocavam em melhores condições para fazer a travessia do triângulo. Em 1903 havia em Uberaba onze boiadeiros (Quadro 1).

Quadro 1: Boiadeiros existentes na cidade de Uberaba em 1905

Adrão Carneiro de Mendonça
Antônio Carrilho de Castro
Elias Cruvinel – Major
João Baptista Ribeiro Rosa
Joaquim Honório Ribeiro Rosa
Joaquim Martins Borges
José Honório Rosa
José Rosa Pires
José Vieira Pontes
Polydoro de Castro
Vicente Macedo – Coronel

Fonte: Almanaque para a cidade de Uberaba para o ano de 1905.

Entre os boiadeiros estavam Elias Cruvinel e Joaquim Honório Ribeiro Rosa – encontramos informações para ambos durante o período.¹² Elias Cruvinel faleceu em 8 de janeiro de 1910, portanto, cinco anos após o seu nome figurar entre os boiadeiros da cidade de Uberaba. Deixou sete filhos do primeiro casamento e dois do segundo. No momento de sua morte era casado com Maria da Glória C. Cruvinel a qual, por sua vez, foi casada em primeiras núpcias com Valeriano do Carmo Leão. O próprio Elias Cruvinel se encontrava na segunda união; na primeira havia sido marido de Rita dos Santos Cruvinel. Possuía um rebanho que contava com mais de 469 cabeças entre

¹¹ Inventário de Hermenegildo Lopes de Moraes, 1905. Escrivania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. Sobre a concentração da riqueza na região em que Hermenegildo atuou, ver OLIVEIRA, H. A. A Construção da riqueza no sul de Goiás (1835-1910). Tese (Doutorado em História). FHDSS, UNESP - Franca /SP, 2006.

¹² Para os demais não foi possível encontrar informações.

bois, novilhos e bois de carros. Entre seus bens também se encontravam terras no estado de Goiás, tidas por herança do primeiro casamento de sua esposa. A fazenda arrolada encontrava-se no lugar conhecido como Varedão, no município de Alemão, estado de Goiás. Era formada por casa de morada coberta de telhas, paiol, monjolo, currais e terras de campos e culturas, avaliada em Rs. 2:533\$000. O total dos bens inventariados foi avaliado em Rs. 55:000\$000. Na partilha, a viúva – cujo inventário não foi encontrado – ficou com a maior parte do gado e com as terras goianas.¹³

Joaquim Honório Ribeiro Rosa também permanecia exercendo a mesma profissão em 1915. Continuava boiadeiro. Naquele ano, foi inventariante de Amélia de Mendonça Rosa e também seu herdeiro. O espólio era formado por casas na cidade de Uberaba, uma chácara no mesmo distrito com quarenta alqueires de campos e culturas e com rancho coberto, árvores frutíferas etc. Possuía também 24 burros e seis bois de carros. Durante o processo de inventário do casal, pediu para que os bens a que tinha direito – algumas partes de terra na região – fossem levadas a hasta pública, pois, por ser negociante de gado, não reunia condições para zelar do patrimônio.

Tanto no momento da morte de Elias Cruvinel quanto de Joaquim Ribeiro Rosa, a procura paulista pelo gado do Brasil Central havia aumentado, se comparado com as décadas anteriores. Como boiadeiros, comerciantes de gado, ambos representavam peça fundamental na busca do produto de Goiás que se direcionava ao mercado paulista. Neste meio de caminho, ainda fora do estado de São Paulo, o gado auxiliava na intensificação do comércio local ao ser utilizado não só como mercadoria, mas também como garantia de crédito e moeda. Comerciantes uberabenses que vendiam para os sertões podiam receber gado como pagamento para os seus produtos. Exemplos destas práticas foram encontrados para os anos de 1903 e 1932; em 1903, durante o processo de inventário de Antônio Marcelino de Mendonça, veio à tona um documento por meio do qual o mesmo propôs a um de seus credores, a quem devia Rs. 150:000, que o pagamento do empréstimo fosse feito em bois.¹⁴ Em 1932 Romulpho Lima Costa denunciou Luís e Abílio Abdala por não cumprirem com o que foi acordado em uma transação fundiária. A vítima havia vendido quinze alqueires de terra, situados no município de Tangará. Foi acordado que o pagamento seria feito em bois. Como as partes não chegaram a um consenso sobre o preço do gado no momento da negociação, o comprador lhe entregou 30 cabeças, ficando o restante a ser acertado quando chegassem a um entendimento sobre o preço dos animais. Enquanto isso, Romulpho Lopes recebeu três promissórias, assinadas por terceiros, nos valores de Rs. 2:999\$000, Rs. 1:600\$000, Rs. 965\$400, mais Rs. 11:000\$000 em forma de dívidas a receber dos clientes do comprador. Mais tarde, quando o vendedor reclamou o restante do pagamento, Luís e Abílio Abdala

13 Inventário de Elias Cruvinel. Uberaba, 1910, Arquivo Público de Uberaba. Segunda Vara Civil, caixa 323.

14 Inventário de Antônio Marcelino de Mendonça, Uberaba, 1903. Arquivo Público de Uberaba, Primeira Vara Civil, caixa 157.

afirmaram não lhe dever nada, já que não haviam assinado nenhum compromisso que os obrigasse – as dívidas eram protestadas e as promissórias assinadas por terceiros não eram reconhecidas.¹⁵

Parte do gado goiano era adquirida pelos mineiros, levados até as imediações de Uberaba, a partir de onde era invernado e redirecionado para os mercados consumidores, seguindo por terra ou por trilhos. Havia um grande número de invernadas na região, principalmente próximas às estações da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro¹⁶, cercadas e com capim gordura.

Eram muitas as pessoas de Uberaba que voltavam seus interesses para o norte e para o sul, para Goiás e São Paulo. Não é difícil encontrar referências a uberabenses com propriedades goianas e paulistas. Joana Francisca de Oliveira Valle, em 1891, possuía terras em Goiás na fazenda Catalão, herança de seu falecido marido e avaliadas em Rs. 500\$000; João Sabino de Freitas, falecido em 1928 e Joana Georgina de Abreu, falecida em 1929, possuíam terras em diferentes localidades de Goiás.¹⁷ João Ribeiro de Azambuja, em 1911, possuía terras em São Paulo, além de gado e invernada em Uberaba. O seu rebanho contava com mais de 400 cabeças e as terras em São Paulo eram localizadas na fazenda Cana Brava, no valor de Rs. 600\$000 e com 25 alqueires. Contudo, seus imóveis mais significativos estavam no distrito uberabense de Campo Formoso, organizados com pastos cercados com capim e invernadas. Estas propriedades somadas foram avaliadas em mais de Rs. 23:000\$000. Ainda na região de Uberaba, só que mais a oeste, havia João Gomides de Almeida, morador do Porto do Cemitério e proprietário, junto com sua esposa, de duas canoas grandes e de partes de terras no município de Barretos em São Paulo.¹⁸

Todas estas pessoas viviam as duas faces do caminho, testemunhando e se envolvendo de uma maneira ou de outra não somente no fluxo que vinha de Goiás rumo a São Paulo, mas também no que de São Paulo se encaminhava para Goiás. O espólio de muitos deles possuía produtos não fabricados regionalmente, que eram originados na economia paulista ou adquiridas através desta.

15 Juízo Municipal. Ação de Romulpho Lima Costa contra Luís e Abílio Abdala, Uberaba, 1932, Arquivo Público de Uberaba, Primeira Vara Criminal. Na ação, o advogado da vítima descrevia Luís Abdala como “sírio useiro e vezeiro na prática de falências fraudulentas”.

16 Doravante, abreviada como CMEF.

17 Inventário de Joanna Francisca de Oliveira Valle, Uberaba, 1891, Arquivo Público de Uberaba, Segunda Vara Civil, Caixa 307; Inventário de João Sabino de Freitas, Uberaba, 1928, Arquivo Público de Uberaba, Segunda Vara Civil, caixa 351; Inventário de Joana Georgina de Abreu, Uberaba, 1929, Arquivo Público de Uberaba, Segunda Vara Civil, caixa 352.

18 Inventário de Rita Rosalina da Glória, Uberaba, 1985. Arquivo Público de Uberaba, Primeira Vara Civil, caixa 151. A região de Barretos era uma importante rota para o gado que descia do Mato Grosso. Em 1911 foi inaugurado nessa cidade o primeiro frigorífico do Brasil; com isso, o fluxo de gado se intensificou, mudando para o oeste a passagem de grande parte do gado que antes transitava por Uberaba. Ver BENITES, Miguel Gimenes. Os frigoríficos da grande São Paulo e arredores. Um estudo geográfico. Tese (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP/ São Paulo, 1995, além de PERINELLI NETO, Humberto. Nos quintais do Brasil: homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854 – 1931). 2009. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP/ Franca, SP, 2009., sobre o frigorífico de Barretos e a passagem de gado e OLIVEIRA, Paulo Roberto de. Um caminho voltado para dentro: O circuito goiano e o comércio entre Goiás e São Paulo na Primeira República. 2014. Tese (doutoramento em História Econômica). FFLCH/USP, 2014, sobre a mudança da passagem de gado de leste para o oeste, atendendo à demanda de Barretos.

2 – Observações sobre a outra face – de São Paulo a Goiás

Os comerciantes de Uberaba faziam girar o comércio local, partícipes de um fluxo de mão dupla. Muitos dos produtos que comercializavam vinham da economia paulista, lá produzidos ou então importados via meios de transportes que de lá partiam. Contudo, também havia produtos que adquiridos em Goiás ou Mato Grosso juntavam-se aos que vinham do sul.

Falecido em 19 maio de 1908, o comerciante Francisco Pereira foi inventariado pelo pai, Francisco Luís de Figueiredo; sua mãe era Maria Cândida de Andrade. O seu estabelecimento comercial estava localizado na Rua do Comércio, número 98, com mercadorias avaliadas em mais de Rs.18:000\$000. Entre elas estavam garrafas de cerveja Antártica, materiais de papelaria, café, açúcar, produtos como cebola e trigo, fumo etc. Possuía também três casas em Uberaba, um cavalo e dívidas a receber ligadas à casa comercial, no valor de Rs. 5:994\$000. No total, o seu espólio chegava a Rs. 32:000\$000.¹⁹

Podemos analisar mais detidamente o caso da cerveja, presente não só neste inventário, mas também nos de outros comerciantes. No final do século XIX, em 1895, era anunciada em Uberaba a *Ricardo Raschold e Cia*, casa comercial sediada na capital paulista, “importadora de todos os materiais e máquinas para a fabricação de cervejas, águas minerais e licores”. Representada no interior por Júlio Lienert, possuía depósito para a distribuição de cervejas paulistas, como a Bavária.²⁰ Houve uma crescente preocupação do governo paulista com o mercado interno, pela possibilidade de venda de produtos manufaturados produzidos em grande escala. A cerveja era um destes produtos e figurava como um dos mais importantes para o ano de 1906 exportados por outros meios que não o porto de Santos. Contribuía com 299.643 quilos.²¹ Pouco mais tarde, em 1925, a cerveja e as bebidas apareceram entre os artigos industriais que mais renderam ao estado, com uma produção avaliada em Rs. 127.548:825\$700, atrás dos tecidos e artefatos de tecidos e dos calçados.²²

A maior parte do espólio de Francisco Pereira estava ligada à casa comercial: mercadorias em estoque e dívidas a receber. Os imóveis eram compostos por algumas casas na própria cidade e os semoventes por um único animal. O passivo alcançava as mesmas cifras que o ativo, o que levou a um longo processo de cobranças e negociações.

Para manter seu comércio Francisco Pereira possuía vínculos com empresas de São Paulo e Rio de Janeiro. Muitas destas apareceram durante o processo de inventário

19 Inventário de Francisco Pereira, Uberaba, 1908. Arquivo Público de Uberaba, Segunda Vara Civil, caixa 153.

20 Almanaque de Uberaba, 1895. p. 193.

21 Relatório apresentado ao Dr. Jorge Tibiriçá, Presidente do Estado, pelo Dr. Carlos Botelho, Secretário da Agricultura. Ano de 1906. São Paulo, 1907. p. 65.

22 Relatório Apresentado ao Dr. Carlos de Campos, Presidente do Estado, pelo Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, Secretário de Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Ano de 1925. São Paulo, 1926. p. 7.

cobrando o que lhes era devido. A firma *João Jorge, Figueiredo e Cia*, de Campinas, nomeou Antônio Moreira de Carvalho em 25 de junho de 1908 como seu procurador em Uberaba, para a liquidação do que Francisco Pereira devia. A maior parte das cobranças traziam o nome da empresa credora e a quantia devida, sem mencionar o produto que havia dado origem à dívida. Este é o caso da *Rickmann e Cia.*, que cobrava do espólio um valor de Rs. 4:383\$170. Também consta a cobrança de *Bento de Carvalho e Cia*, da cidade de Santos, no valor de Rs. 148\$000. Este problema de identificação dos produtos não existe no caso de empresas que traziam em seu nome a atividade a qual se dedicavam. Por exemplo, entre os credores também estava a *Fábrica de Fumos Brás*, fundada em 1887 e localizada na cidade de São Paulo, a Avenida Rangel Pestana, número 54. Cobrava um valor de Rs. 157\$000.

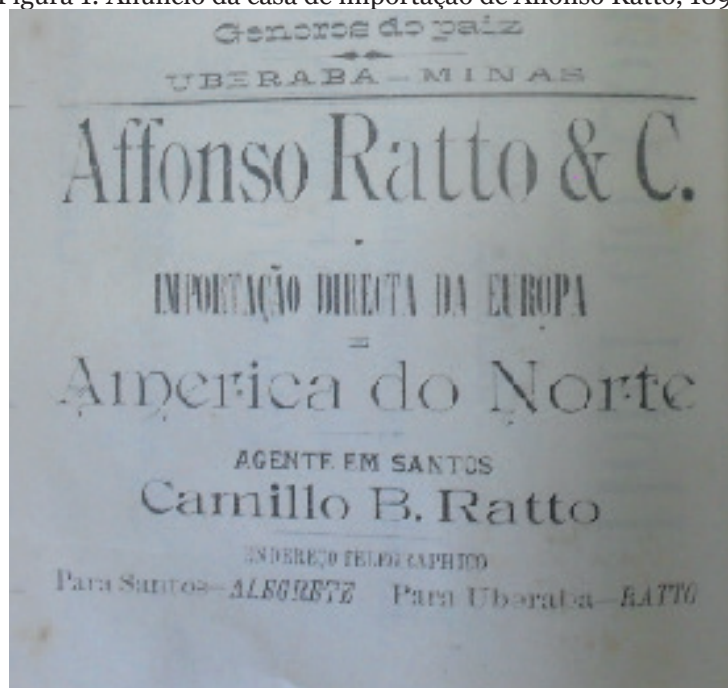
Em setembro de 1908, Rs. 17:098\$308 em mercadorias foram entregues ao credor *Cunha, Campos e Cia.*, que as recebeu com abatimento de 40%. Outro aspecto interessante que se encontra no inventário de Francisco Pereira é a existência de uma procuração de Gardêncio Jacintho Lopes, que constituiu Cunha Campos seu representante para a cobrança de dívidas junto ao espólio. O credor era francano.

Outras ligações familiares – e comerciais – entre o Triângulo Mineiro e o nordeste paulista também podem ser notadas por meio da existência de representantes comerciais como Estevan Pucci, o qual aparece como comerciante no Almanaque para a Cidade de Uberaba do ano de 1895 em dois momentos. Nas primeiras páginas foi descrito como representante comercial; mais adiante, como sapateiro. Sua sapataria ficava na Rua Barão de Ataliba – antiga Rua do Comércio – e tinha como seu slogan o trabalho “com perfeição e ao gosto dos fregueses”, por “preços módicos”. Em Franca também foi registrada a atuação da família Pucci. Em 1909, Bernardino Pucci faleceu no interior da Itália, deixando mulher e filho na cidade, onde era domiciliado. O seu legado era constituído por 15 mil francos depositados no Banco Ítalo Brasileiro.²³

Outro personagem que chama a atenção é José Afonso Ratto. Ele esteve entre os herdeiros de Elias Cruvinel (boiadeiro, ver Quadro 1), por ser casado com Maria Cruvinel Ratto, filha de primeiras núpcias de Elias Cruvinel. Na partilha, sua esposa recebeu o equivalente a Rs. 3:000\$000 correspondentes a: um burro, uma parte de terras, uma casa na cidade e o que foi reposto por um dos herdeiros que devia ao espólio. José Afonso Ratto foi descrito no almanaque de 1895 como importador. Seu anúncio neste almanaque descrevia a *Afonso Ratto e Cia.* como casa de importação direta da Europa e da América do Norte, com Camillo B. Ratto como agente em Santos (Figura 1).

23 Inventário de Bernardino Pucci, Franca, 1909. Arquivo Histórico de Franca, Primeiro Ofício. Ultrapassando em quase uma década o nosso período, Miguel Pucci faleceu na cidade de Uberaba no ano de 1939, inventariado por seu filho Francisco Pucci. Miguel Pucci deixou 4 filhos, entre eles Thomaz Pucci, alfaiate, residente no estado de São Paulo (Inventário de Miguel Pucci, Uberaba, 1939. Arquivo Público de Uberaba, Segunda Vara Civil, caixa 369).

Figura 1: Anúncio da casa de importação de Affonso Ratto, 1895.



Fonte: Almanaque para a cidade de Uberaba para o ano de 1895.

Podemos afirmar que a sua atividade mudou, ou então se diversificou ao longo do tempo. Em 1914 era descrito como comerciante, envolvido na cobrança de uma dívida de Clemente Simões de Araújo. Como garantia de pagamento dos Rs. 12:000\$000 devidos, foi dado um prédio localizado à Rua do Comércio.²⁴ Em 1920 era descrito como capitalista ao tomar parte em uma operação de hipoteca na qual era credor por fornecer Rs. 9:000\$000, pagos em seis prestações: uma de Rs. 2:000\$000, a segunda de Rs. 3:000\$000, e outras quatro de Rs. 1:000\$000. O prazo de empréstimo era de três anos, capitalizado em 4% de quatro em quatro meses. Em garantia foi dada uma casa na cidade de Uberaba.²⁵ Quando faleceu, em 1934, seus negócios já alcançavam a cidade de Goiás, capital do estado de mesmo nome, por meio da firma *Guedes, Ratto e Cia.*²⁶

Waldemar Cruvinel Ratto era neto do boiadeiro Elias Cruvinel e filho do comerciante José Afonso Ratto. Recebeu de herança de seu pai parte da *Guedes, Ratto e Cia.*, deixando-a para a sua mãe no momento de sua morte, em 1941. Não possuía herdeiros, em parte por ter se deparado com a morte ainda jovem, aos 33 anos, em viagem de lazer à cidade do Rio de Janeiro. Deixou um espólio avaliado em mais de Rs. 700:000\$000, composto por negócios diversos: possuía terras na região de Uberaba,

24 Livro de registros cartoriais do Segundo Ofício de Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, n. 71, 1914. p. 64.

25 Livro de registros cartoriais do Segundo Ofício de Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, n. 106, 1920. p. 27.

26 Apesar de sua morte ser citada no inventário de seu filho Waldemar Cruvinel Ratto como ocorrida na cidade de Uberaba no ano de 1934, o seu inventário não consta das listagens do Arquivo Público desta cidade. A informação sobre a *Guedes, Ratto e Cia* foi encontrada no inventário de seu herdeiro citado.

entre elas 320 alqueires herdados do pai, uma invernada com 150 alqueires, tida por doação feita por seus pais, algum gado e carros de boi. O que chama a atenção é o grande número de ações de diferentes empresas que possuía, entre elas a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a Companhia Melhoramentos do Estado de São Paulo etc. Eram 25 ações da CMEF²⁷, com valor unitário de Rs. 200\$000, cotadas a 135\$000, 200 ações da CPEF, com valor unitário de Rs. 200\$000, cotadas pelo mesmo preço (Quadro 2).²⁸

Quadro 2: Alguns bens do espólio de Waldemar Cruvinel Ratto

BEM	VALOR (Rs.)
Seguro de vida na Cia. A São Paulo	50:000\$000
Parte na firma Guedes, Ratto e Cia.	8:888\$888
Dinheiro em conta corrente no Banco de Crédito Real de MG	24:900\$000
Idem no Banco Mineiro de Produção	1:115\$100
Idem no Banco Hipotecário Agrícola	105\$000
Idem no Banco Comércio e Indústria	2:538\$400
55 ações do Banco do Brasil	9:900\$000
47 ações da Doca de Santos	9:400\$000
14 apólices da Dívida Pública Federal	11:396\$000
65 ações da Cia Força e Luz de Cataguazes – Leopoldina	5:850\$000
Saldo em conta corrente e depósitos no Banco do Brasil	884\$200
Idem, idem depósitos populares	290\$100
Idem em conta corrente no Banco Comercial do Estado de SP	4:435\$600
25 ações da CMEF	3:375\$000
30 ações da Cia Iniciador Predial	4:050\$000
200 ações da CPEF	40:000\$000
50 ações da Cia. Agrícola, Colonização e Imigração de SP	7:500\$000
16 ações da Cia. Melhoramentos de São Paulo	2:240\$000
Saldo existente em depósitos no Banco Mercantil do RJ	1:530\$100
20 ações da Cia. Petrolífera Cebib S.A.	800\$000
Idem, idem, idem	800\$000
50% no valor de 100 ações, da cautela n. 165 da Cia Nacional de Seguros S.A.	10:000\$000
35% realizado em 35 ações da Cia Força e Luz de Cataguazes-Leopoldina	1:225\$000
30 ações do Banco Mercantil do RJ	5:700\$000

Fonte: Inventário de Waldemar Cruvinel Ratto, Uberaba, 1941. APU, Segundo Ofício, Caixa 369.

27 Abreviação para Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

28 Inventário de Waldemar Cruvinel Ratto, Uberaba, 1941. Arquivo Público de Uberaba, Segunda Vara Civil, Caixa 369.

* * * *

O que ligava todas estas pessoas? O que havia de comum entre estes diferentes homens e mulheres, dedicados ao empréstimo a juros, a criação de gado, ou ao comércio? Eram todas pessoas à beira da estrada. Aproveitavam-se deste comércio, estendendo seus negócios e suas redes familiares para o norte e para o sul. Um anúncio do Almanaque de Uberaba para o ano de 1905 ilustra esta situação. Joaquim José Coelho, estabelecido na Rua do Comércio, n. 1, possuía estabelecimento especialista em sal grosso estrangeiro superior, ferro em barras, fumo goiano, café, farinha, trigo. O anúncio afirmava que a casa comercial estava sempre abastecida com “um grande sortimento de fazendas, roupas feitas, armarinhos, objetos de luxo, chapéus, calçados, forragens, louças e molhados”.²⁹

Não encontramos maiores informações sobre Joaquim José Coelho para o nosso período. O anúncio por si só é significativo; registra o duplo funcionamento deste circuito de comércio, do que vem para o interior e do que vai em direção ao litoral. Há a venda de *sal estrangeiro*, produto importado a partir do sul. Há, ao mesmo tempo, o comércio de fumo goiano, que poderia ser processado nas imediações ou então que ia até as fábricas paulistas e retornava manufaturado. Se fosse de fabricação local, poderia ser adquirido na *Cigarros Marca Zatú*, que localizada na Rua da Imperatriz número 5 em Uberaba, utilizava como propaganda a garantia de “fabricação com os melhores fumos do estado de Goiás”. Além de vender para o mercado local, a fábrica ainda aceitava encomendas de qualquer ponto do estado de São Paulo.³⁰ Ao mesmo tempo, o anúncio trazia, curiosamente, a venda de uma fazenda de café.

Atuando no mesmo sentido estava a *Rieckmann e Cia.* (Figura 2).

Figura 2: Anúncio da *Rieckmann e Cia.*



Fonte: Almanaque da cidade de Uberaba para o ano de 1909

29 Anúncio do estabelecimento de Joaquim José Coelho, Almanaque para a cidade de Uberaba para o ano de 1895, p. 193.

30 Almanaque para a cidade de Uberaba, 1895, p. 212.

O circuito goiano era uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que havia o grande tráfego de mercadorias que iam do interior em direção ao litoral – ficando grande parte no meio do caminho, abastecendo diferentes localidades – havia também o fluxo contrário, que se originava no Porto de Santos – com as mercadorias importadas do mercado internacional – e se reforçava com a produção paulista de manufaturados. No período entre guerras a atuação do Porto de Santos já se estendia até o sul de Goiás e Mato Grosso, além de sul de Minas Gerais e Paraná.³¹

Pela Tabela 1 e o Gráfico 1 notamos a importância das importações para o Ramal Catalão – o Ramal Catalão correspondia aos trilhos da CMEF no Triângulo Mineiro.

Tabela 1: Comparação entre exportações e importações pelo Ramal Catalão da CMEF, 1890 – 1912, em toneladas

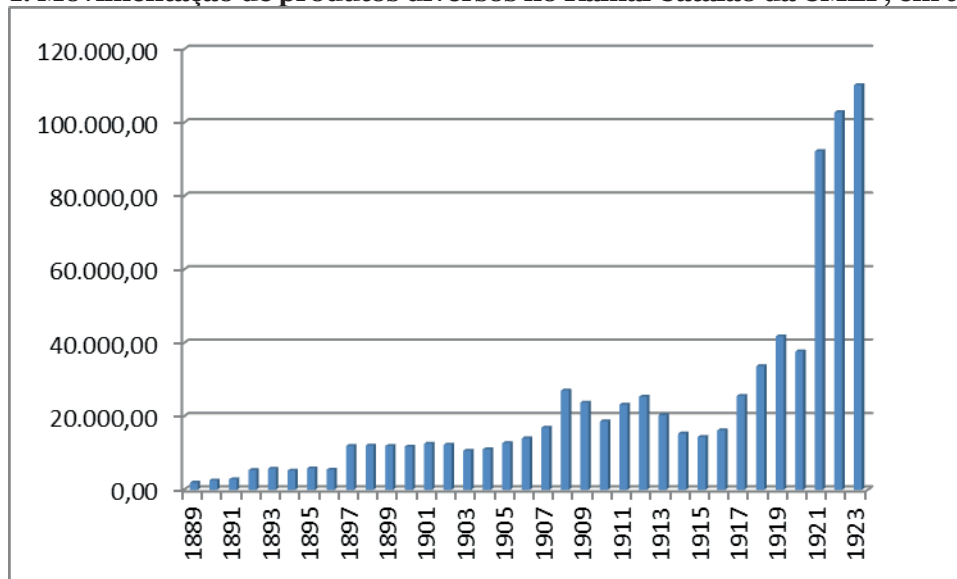
Anos	Exportações	Importações
1890	720,83	5.982,66
1891	967,47	7.809,37
1892	1.799.194	8.375.677
1893	1.125,24	12.852,11
1894	1.409,77	8.350,15
1895	1.544,55	10.504,56
1896	1.878,22	11.301,12
1897	10.436,34	11.680,84
1898	11.705,43	10.818,41
1899	10.845,80	11.909,74
1900	12.461,69	11.489,86
1901	14.843,44	11.665,40
1902	14.257,21	11.849,67
1903	12.715,14	10.961,93
1904	12.649,25	11.844,70
1905	17.042,29	13.143,41
1906	20.325,79	14.730,91
1907	25.046,83	15.906,50
1908	34.253,33	19.747,45
1909	27.858,21	17.600,43
1910	35.499,51	24.823,43
1911	38.415,17	29.191,09
1912	49.009,16	30.419,34

Fonte: Relatórios apresentados para aprovação em Assembleia geral, 1891 – 1913. Os dados do tráfego se referem às importações mais exportações para cada ano.

31ARAÚJO FILHO, J. R. de. Santos, o porto do café. Rio de Janeiro: IBGE, 1969, p. 74. As ligações entre o Porto de Santos e as regiões centrais do Brasil não eram recentes. Desde o século XVIII, muitos produtos que chegavam ao Rio de Janeiro em seguida eram encaminhados para o porto de Santos e de lá reexportados para a região de Goiás. Ver: ARRUDA, José Jobson de Andrade. O Brasil no Comércio Colonial. São Paulo: Ática, 1980, p. 267.

Grande parte da movimentação era composta pelos diversos, que variaram na seguinte proporção (Gráfico 1).

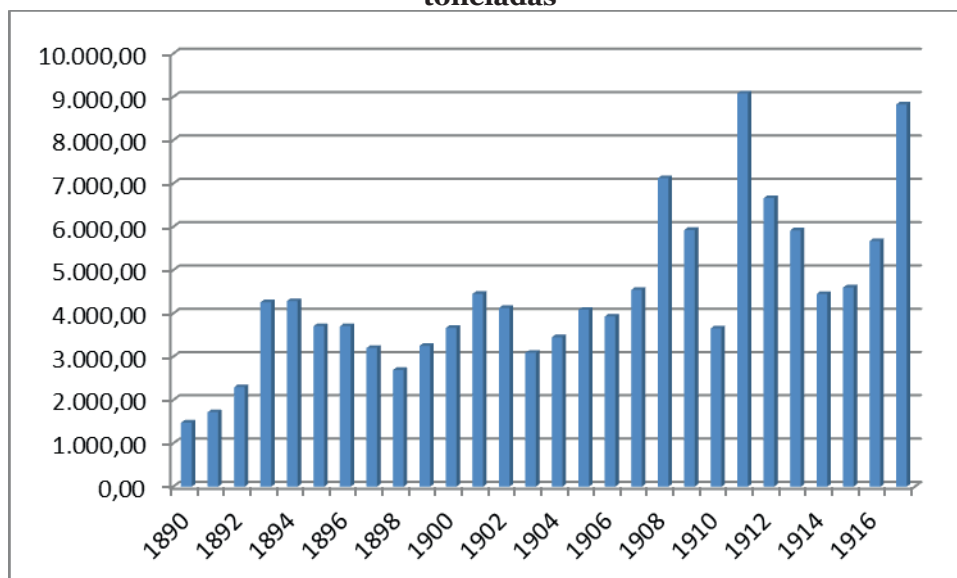
Gráfico 1: Movimentação de produtos diversos no Ramal Catalão da CMEF, em toneladas



Fonte: Relatórios para aprovação em Assembleia Geral, 1890 – 1923. Os dados do tráfego se referem às importações mais exportações para cada ano.

A estação de Uberaba segue uma tendência parecida, com a movimentação de diversos como item importante (Gráfico 2):

Gráfico 2: Movimentação de produtos diversos na estação de Uberaba da CMEF, em toneladas



Fonte: Relatórios para aprovação em Assembleia Geral, 1891 – 1917. Os dados do tráfego se referem às importações mais exportações para cada ano.

Uma parte significativa dos produtos manufaturados, encaminhados para o comércio, era transportada sob a designação de *diversos*.

Muitos dos itens que se encontram nos inventários analisados, seja para a utilização própria, seja para a comercialização, eram produzidos em São Paulo e subiam rumo a Goiás. A lista de exportações do estado de São Paulo para o exercício de 1922 (Quadro 3) traz estas informações, contendo produtos como cerveja, garrafas vazias, roupas, sabão, tecidos, arame etc., todos constantes nos inventários e anúncios uberabenses.

Quadro 3: Exportações do estado de São Paulo para o Brasil e para o exterior em 1922 pelas ferrovias e pelo Porto de Santos

Produto	Valor
Pagando imposto de exportação	
Café	327.384:462\$094
Couro	3.428:502\$000
Farelo de trigo	768:504\$000
Farelo de algodão	3.290:845\$000
Gado	6.962:000\$000
Total	341.834:313\$094
Isentos de imposto de exportação	
Algodão	30.187:900\$200
Aniagem	5.251:190\$000
Armarinho	3.878:670\$000
Arame	4.266:759\$323
Arroz	9.355:519\$066
Açúcar	4.907:276\$000
Bananas	5.837:126\$185
Banha	785:372\$000
Batata	1.877:969\$280
Bebidas	8.727:912\$200
Biscoitos	3.547:211\$576
Cal e cimento	3.524:612\$960
Calçados	13.932:000\$000
Carne	18.271:163\$530
Carvão	595:378\$080
Cerveja	2.958:377\$744
Chapéus	10.412:520\$000
Drogas	4.480:438\$000
Farelos	2:500\$000
Farinha de trigo	6.762:518\$200
Farinhas diversas	1.499:769\$218
Feijão	5.642:822\$093
Ferragens	12.912:510\$360
Fios de Algodão	14.308:656\$000
Forragens	134:852\$691

Garrafas vazias	585:324\$202
Impressos	2.892:896\$643
Louças	5.830:449\$204
Mamona	1.606:694\$000
Milho	1.335:579\$527
Óleos	4.410:851\$000
Papel	8.199:809\$000
Fósforos	2.462:726\$824
Roupas Feitas	6.326:349\$824
Sabão	1.378:854\$100
Sacos vazios	10.070:920\$000
Solas	1.389:519\$010
Tecidos de Algodão	35.810:707\$517
Tecidos de lã	29.886:061\$576
Tecidos diversos	14.533:510\$000
Outros gêneros	164.767:757\$335
Total	465.549:034\$408
TOTAL GERAL	807.383:347\$562

Fonte: Relatório da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, 1922.

Na década de 1920 o processo de transformação da economia paulista rumo à industrialização já estava adiantado. A Primeira Guerra Mundial significou grande mudança para o panorama regional e para o circuito goiano. O conflito, ao prejudicar os intercâmbios internacionais, havia forçado os paulistas a diversificarem a sua produção de manufaturas, constituindo um passo importante rumo à industrialização.³² Portanto, o quadro acima já traz o resultado parcial deste processo. Como participante deste contexto e peça da intermediação do comércio que passava pelo Triângulo Mineiro, temos Manoel Ferreira Louzada, comissário intermediário da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (Figura 3).

32 Já durante a Primeira Guerra Mundial houve uma mudança na estrutura de exportações brasileiras. O fechamento do mercado mundial para alguns produtos brasileiros incentivou a expansão de exportações de outros produtos, além do surgimento de indústrias de processamento de alimentos. Sobre estas questões ver: FRITSCH, Winston. Apogeu e crise na Primeira República: 1900 – 1930. In: ABREU, Marcelo de Paiva. (org.) A Ordem e o Progresso: Cem anos de política econômica republicana. Rio de Janeiro: Campus, 1990.; além de SUZIGAN, Wilson. Indústria Brasileira. Origem e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Figura 3: Anúncio do estabelecimento comercial de Manoel Ferreira Louzada, 1895



Fonte: Almanaque para a cidade de Uberaba para o ano de 1895.

Este é o caso de um negociante que seguiu rumo ao norte, acompanhando a progressão da ferrovia. Rio Claro, Descalvado, Ribeirão Preto e Franca fazem parte desta história no estado de São Paulo. Em Minas Gerais, no mesmo sentido, estão Jaguará e Engenheiro Lisboa. Manoel Ferreira Louzada agia neste comércio desde 1875 e se especializou na intermediação dos produtos dos locais em que fez a sua paragem. Não se envolvia em outras atividades; para “não se desviar do serviço de comissão não explora(va) outro ramo do comércio a não ser as transmissões intermediárias”.

Outras pessoas sobreviviam às margens deste circuito comercial vivendo da trapaça, valendo-se do sucesso das transações comerciais sem compor o grupo dos grandes ou médios comerciantes e sem possuir gado ou terras.³³ É o caso de Alfredo Dal Bó, gerente das Casas Pernambucanas, propriedade da *Arthur Lungreen e Cia*, da cidade de São Paulo. O gerente foi condenado por praticar desvio de dinheiro da loja em que trabalhava, falsificando duplicatas de vendas. As vendas pagas em dinheiro eram lançadas como vendas a prazo e o montante era frequentemente apropriado por ele.³⁴

Pedro Pinto também viveu e sobreviveu às margens do caminho. Telegrafista, solteiro, trabalhava para a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro em Tangará, próximo a Uberaba. No mês de janeiro de 1924, Pedro Pinto procurou a casa de comércio

33 A opção por analisar os atores que aparecem em processos criminais em contraponto aos grandes comerciantes e criadores não significa, de forma alguma, que este trabalho sugere que existiam somente estas duas categorias convivendo nas ruas uberabenses. Existiam sim, pessoas que se dedicavam a atividades que deixavam rastros menores, que trabalhavam atrás das bancadas das grandes casas comerciais, que aravam a terra dos grandes fazendeiros, limpavam as ruas etc.

34 Juízo Municipal, Ação contra Alfredo Dal Bó, Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, Primeira Vara Criminal, caixa 217.

Peres e Bucchianeri. Ao não encontrar os donos no estabelecimento, explicou a Moisés Fernandes de Oliveira o seu intento de vender uma partida de arroz. Foi quando o atendente mandou chamar Augusto Bucchianeri no hotel onde estava hospedado. Com o nome falso de João Paiva, ofereceu-lhes 100 sacos do cereal com casca. Após negociação, Pedro Pinto apresentou um *conhecimento* falsificado da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, recebendo então Rs. 4:200\$000.³⁵

Semanas depois, com a demora em receber a mercadoria comprada, Augusto Bucchineri procurou a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, onde descobriu que o documento que tinha em mãos era falso. Pedro Pinto foi prontamente identificado como o golpista e em pouco tempo foi recolhido à cadeia, apesar de ter afirmado agir em nome de José Paiva, de quem recebeu Rs. 500\$000 como gratificação pelos seus serviços.

Considerações finais

A expansão da economia paulista ocorrida ao final do século XIX teve como uma de suas conseqüências a busca por mercados onde o estado de São Paulo pudesse se abastecer, buscar gêneros que não era capaz de produzir na medida necessária. Com isso, seu setor de transportes se desdobrou em diferentes direções, entre elas o atual Centro Oeste, atraindo para a sua órbita a produção de Goiás.³⁶ Entre ambos, entre São Paulo e Goiás, havia o Triângulo Mineiro.

Privilegiados por sua posição geográfica, entre a economia exportadora e os mercados interiores, os uberabenses colocaram-se como intermediadores do comércio entre estas duas regiões. Eram criadores, boiadeiros e comerciantes que sobreviviam do comércio que por ali passava. Mais que isso, eram peças que moviam este comércio. Eram pessoas que, em muitos casos, intermediavam o gado que passava pelo Triângulo Mineiro rumo à economia paulista, ou que vendiam produtos adquiridos em São Paulo ou em Goiás.

Interessante notar que os negócios não eram amplamente especializados. Há casos de famílias cujos negócios mudavam ao longo do tempo, como no caso dos herdeiros de Afonso Ratto que passaram a se dedicar ao comércio. As pessoas que se dedicavam ao comércio de gado também se envolviam em outros negócios, como o comércio. Boiadeiros, criadores e comerciantes, neste caso, não caracterizam tipos sociais ou econômicos distintos. Comerciantes poderiam ser criadores, boiadeiros poderiam ser comerciantes; eram diversas as combinações possíveis. Eram, sobretudo, homens e mulheres à beira do caminho que atuaram na expansão do complexo cafeeiro para além das fronteiras paulistas na Primeira República.

Artigo recebido em 17 de junho de 2016.

Aprovado em 18 de outubro de 2016

35 Autuação de Pedro Pinto, Uberaba, 1924, Arquivo Público de Uberaba, Primeira Vara Criminal, caixa 201/398.

36 Sobre as relações do complexo cafeeiro paulista com outras regiões, mas especificamente sobre o Sul de Minas Gerais, há o recente SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato; GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. (Org.). Sul de Minas em urbanização: modernização urbana no início do século XX. São Paulo: Alameda, 2016.,